

Entrevista  
*Cazarré,*  
escritor premiado

# ver L E T U R A S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL  
Ano II

SUPLEMENTO CULTURAL  
Brasília, 23 de março de 1995



**Agitando**  
MP.95  
**o meio**  
**cultural**

Entrevista / Lourenço Cazarré

# A Literatura tem uma grande inimiga: a televisão



Lourenço Cazarré nasceu em Pelotas, RS, em 1953. Reside em Brasília desde 1977. Jornalista e escritor, publicou entre outros livros, *Agosto, Sexta Feira, 13* (1977), *Caleidoscópio e Ampulheta* (1982), *Os Bons e os Justos* (1983), *Noturnos do Amor e Morte* (1989), *Sinfonia dos Animais Noturnos* (1994).

**R**adicado em Brasília há mais de 17 anos, o jornalista e escritor Lourenço Cazarré, gaúcho de Pelotas, em entrevista exclusiva ao **DF-Letras**, tratou sobre os caminhos e tendências da literatura no Distrito Federal e o resto do País.

Para Cazarré, o momento atual de estabilidade econômica tem sido muito positivo para a literatura. O surgimento de novas editoras está abrindo portas para os novos escritores na faixa dos trinta anos. O escritor critica a falta de apoio do Governo do Distrito Federal para a área literária.

Segundo Cazarré, o apoio oficial é basicamente dirigido para cinema e vídeo.

A Literatura foi esquecida. A criação do Instituto Distrital do Livro, uma bandeira que está sendo levantada por escritores candangos, tem a simpatia do escritor gaúcho, que, no entanto, alerta para o perigo que a entidade, seja ela oficial ou com o apoio da iniciativa privada, vire um palanque politiquês, se não se criar uma comissão de seleção dos trabalhos séria e de qualidade.

**DF-Letras — Como se deu início da sua carreira como escritor?**

**Lourenço Cazarré —**

Eu comecei a escrever aqui em Brasília. Eu me formei em 1975 no Rio Grande do Sul, na faculdade de jornalismo, e em 1977 já estava aqui. Passei um ano e meio em Florianópolis, mas em 77 eu já estava em Brasília onde comecei a escrever e concluí o meu primeiro livro, uma sátira política, **Agosto, sexta-feira, 13**. Antes, o que eu tinha feito eram algumas tentativas, contos, coisas de menor fôlego. Escrever livros mesmo, foi aqui em Brasília.

**DF-Letras — O livro Os Bons e os Justos é dessa época?**

**LC —** Não. **Os Bons e os Justos** é o meu terceiro livro. O segundo livro foi o **Caleidoscópio e Ampulheta**, com o qual eu ganhei o Prêmio Nestlé de Literatura, em 1982. Em 1983, vieram **Os Bons e os Justos**. É uma novela que já está na oitava edição. É um livro que se manteve bem ao longo dos anos e a partir daí a minha produção deslançou para a área juvenil.

**DF-Letras — Para a maioria dos escritores a atividade é meio bissexta. Normalmente, se é escritor e mais alguma coisa. Jornalista/escritor ou médico/escritor. Assim, o escritor sempre vem como segunda opção. Isso é em função do quê? No Brasil dá para viver só de literatura?**

existem umas 10 ou 15 pessoas que vivem de literatura. Algumas na área juvenil, outras na infantil e na área adulta, talvez Jorge Amado e mais meia dúzia de escritores. Nomes consagrados, por exemplo, como João Ubaldo Ribeiro, escrevem para jornais. Assim, eles se mantêm. Eles têm outras fontes de rendas. Outra coisa é o seguinte: o consumo não é de massa. O consumo de livros não é muito grande.

O escritor quando faz um livro que é um **best-seller**, que vai dar um retorno bom para ele, a gente diz que aquele livro vai dar um bom retorno para ele a vida inteira. Bem, ele não se mantém sempre com o mesmo pique de vendas do início, mas sempre dá retorno. De maneira geral, é muito difícil.

**DF-Letras — Hoje, a questão dos Direitos Autorais ainda é um problema sério?**

**LC —** Não. O Direito Autoral hoje em dia está muito organizado. As editoras em sua grande maioria estão informatizadas e o autor recebe os dez por cento do livro. Isso já é uma coisa assimilada. Para quem tem muitos títulos a coisa funciona muito bem.

Mas, a bem da verdade, não há uma grandeza no mercado de livros. O hábi-

to da leitura não é tão arraigado. Eu costumo dizer que no Brasil nós temos um **inimigo**, que seria a televisão, que é muito forte. As pessoas gastam muitas horas em frente à TV e não lêem. Então diminuí o público e consequentemente as vendas.

Retornando a questão da pessoa que exerce outra profissão ao mesmo tempo que é escritora, eu quero ressaltar que ela é muito mais livre como escritora que o escritor profissional que é obrigado a ser paciente e agradar sempre porque tem que fazer um livro para o mercado, para vender. E o escritor que não depende disso se dá o luxo de experimentar mais e fazer um livro mais criativo, mesmo que não seja tão vendável.

**DF-Letras — Para quem de certa maneira já está no mercado é mais fácil seguir por esse caminho, mas para os escritores novatos a coisa não complica?**

**LC —** Hoje em dia o mecanismo já adotado há cerca de 10, 15 anos é o concurso literário, que projeta o nome do escritor e o torna conhecido. Esse é um bom mecanismo. O outro mecanismo é você tentar e mandar os seus trabalhos

“ Em comparação ao apoio que o GDF dá ao cinema e vídeo, a ajuda à literatura é nada ●●

para os editores até que um deles os aceite. Existem até casos de livros bons que são recusados por sete, oito editoras até que um dia são aceitos. Os mecanismos são esses, apesar de que os concursos literários estão bem mais reduzidos que nas décadas de 70 e 80.

**DF-Letras — E os jornais e seus cadernos de cultura não abrem espaços para os escritores?**

**LC —** Os jornais já tiveram uma participação importante até as décadas de 60 e 70, mas depois eles começaram a restringir o tamanho dado a literatura. Eu vejo uma explicação lógica. Vejamos que do fim dos anos 70 para cá, nós tivemos um aumento de informações na área cultural sobre TV e Vídeo. Esses assuntos já ocupam espaços maiores que a literatura. O veículo central da cultura brasileira é a televisão, de modo que não há espaço. Fora o vídeo que você pega e leva para ver em casa. Vários ramos da arte avançaram, diminuído o espaço da literatura, sem falar agora na TV a cabo. As informações nos jornais sobre TV, Vídeo e TV a cabo são muitas. Mas ao mesmo tempo a literatura nos jornais teve a função em outras épocas de atuar como uma peneira. Se você publicava dois, três contos, você podia chamar a atenção dos editores. Hoje em dia esta porta já não existe mais nos jornais.

**DF-Letras — Falando em chamar a atenção, e os críticos? São anjos ou são malditos? Como o escritor Cazarré os vê?**

**LC —** Hoje em dia nós não temos mais a figura do grande crítico da estatura de nomes como Álvaro Lins, Agripino Grieco, nas décadas de 40 e 50. Grandes críticos literários que eram fundamentais nesse processo. Tínhamos um Antônio Cândido. Hoje em dia, a crítica nos jornais é feita por pessoas que têm um mestrado de letras, não têm ainda uma formação e que em menos de 40 linhas, que é o espaço dado a elas, destroem um livro em que a pessoa



**Cazarré entusiasmado com a volta do DF-Letras conversa com o editor, Chico Nóbrega (D).**

levou dois anos para escrever. Não há profissionais de peso até porque os jornais pagam muito mal. Os jornais não pagam um salário decente para um crítico, e aí pagam uns **fri-las** para alguns aventureiros. Isso é um problema. O espaço é dado para pessoas que não têm o conhecimento aprofundado sobre o assunto. Os críticos mais preparados hoje estão nas universidades, pois os jornais pagam mal e dão pouco espaço.

A crítica no Brasil hoje em dia vem sendo feita de uma forma descuidada. O autor, na medida em que ele sabe que aquele crítico está ali fazendo a crítica meio improvisada, ele não dá nem bola. Os críticos do passado eram poderosos, tinham grande capacidade e quando eles davam um pau em alguém a pessoa ia meditar porque havia alguma coisa errada. Agora tomar um pau de um bobalhão qualquer é brincadeira.

**DF-Letras — Isso facilita os modismos. Hoje as editoras estão se aproveitando da onda do esoterismo. Esses livros estão entre os mais vendidos tanto no Brasil quanto no exterior. Qual é a sua posição sobre isso?**

**LC —** Eu não posso me aprofundar no caso do Paulo Coelho, porque eu

não conheço a sua obra como um todo. Mas esoterismo em si é uma tendência que não é só brasileira. Você veja que o Paulo Coelho, embora tenha tido muita crítica do pessoal da literatura, ele é um sujeito que vende com a mesma facilidade no Brasil e no exterior. Ele é um fenômeno e como tal é particular. Agora, eu acho o que se está vendendo é um "baixo esoterismo", uma diluição, um esoterismo aguado. Os grandes autores de um cunho mais espiritual, como são pessoas de mais qualidades, não têm uma circulação tão grande quanto esses livros mais diluídos. Mas é um fenômeno impressionante. É um fenômeno mundial, mas ele não tem nada a ver com a literatura que eu faço, que é a de ficção que corre paralelamente. A literatura continua o seu caminho.

**DF-Letras — No início da sua carreira você enveredou pelo romance, contos e agora voltou-se para a literatura juvenil. Como se deu esta mudança?**

**LC —** Eu comecei publicando mais livros de romances na área da sátira política e contos. Neste meio termo, eu fui escrevendo novelas juvenis, que é uma área em que eu me adaptei bem. Eu gosto muito de trabalhar com a sátira e ela é muito bem aceita pela garotada. Bem, eu estou nesse mercado que é quase profissional aqui no Brasil. É um mercado que tem retorno, os livros são lidos em escolas, as tiragens são boas, os li-

vros são de alta qualidade gráfica. Eu tenho investido muito nesta área.

Esse mercado criou todo um mecanismo com bons ilustradores, bons capistas e autores de qualidade. O mercado de literatura juvenil no país é um dos melhores do mundo. O meu livro **A Espada e o General** entrou em uma série que está sendo lançada no México, dando início à literatura juvenil internacional Sul-americana. É um lançamento da maior editora do México, que a exemplo das brasileiras está apostando nas escolas.

**DF-Letras — Você falou que em 1982 ganhou o Prêmio Nestlé de Literatura. Como se deu isso?**

**LC —** Em 1982 foi feito o primeiro grande concurso literário após o fim da ditadura militar, na distensão. Foi um concurso muito badalado. Concorreram por exemplo 500 romances, 2.500 livros de contos, e 7.000 livros de poesias. Então, foi um concurso que teve uma repercussão enorme. Eu saí vencedor na categoria romance. O prêmio foi muito badalado, um prêmio em dinheiro muito significativo e que ajudou muito a fixar o meu nome área de literatura.

**DF-Letras — Esse apoio partiu da iniciativa privada. Mas da área oficial o que se tem feito em prol da literatura? Vamos particularizar em Brasília?**

**LC —** Em Brasília a gente tem que abrir as bateri-

as. Eu moro aqui em Brasília há cerca de 17 anos. Acompanho a atuação da Secretaria de Cultura e Fundação Cultural e o que eu vejo é um apoio muito grande ao cinema, ao teatro e zero de apoio à literatura. A literatura em Brasília nunca teve apoio das áreas públicas e dos sucessivos dirigentes da Fundação Cultural e sucessivos secretários de cultura nunca deram a mínima pelota para a literatura. Eu falo isso pelo seguinte, eu vejo outras cidades que funcionam diferente. Goiás, por exemplo, apóia exemplarmente, mas o Rio Grande do Sul é uma coisa extraordinária, fora de série. No ano passado, o Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul em coedições com editoras privadas publicou 40 livros. Esse é um número estrondoso. Aqui em Brasília, ao que eu saiba, nunca se publicou um livro.

Temos em Brasília poetas e escritores da melhor qualidade. Essas pessoas são premiadas em concursos nacionais, é o caso por exemplo do jornalista Clóvis Sena, do Luis Berto, que é romancista, da Stela Maris, que é autora de livros juvenis, e de outras pessoas que já ganharam prêmios. Nós temos uma literatura de primeira linha que dá para concorrer em termos de qualidade com o Rio Grande do Sul e Minas Gerais, que são Estados que têm uma cultura muito forte. Mas não há apoio do GDF. Nunca houve apoio do GDF. Os livros vão sendo premiados mas vão se acabando e morrem aqui em Brasília. Temos

“Viver de livros é muito difícil em nosso País”

“ *A literatura esotérica é um fenômeno mundial. É um fenômeno impressionante* ”

que criar mecanismos para patrocinar esses livros. O Rio Grande do Sul publicou no ano passado 40 livros, Goiás tem uma bolsa de publicações permanente. Em comparação ao apoio que eles dão ao cinema e ao vídeo, a ajuda à literatura é nada, o governo não patrocina um livro no Distrito Federal. O livro é extremamente barato. Mas em Brasília um governador após outro e secretários de cultura idem, se mostraram absolutamente insensíveis para esses aspectos e incompetentes.

**DF-Letras — Há um movimento de escritores brasilienses para a criação de uma entidade independente, o Instituto Distrital do Livro, para a edição de escritores candangos. Como você vê esse movimento?**

**LC —** Eu não sei se eu posso pedir a primazia dessa idéia. Em 1990, quando eu ganhei o Prêmio Candango de Literatura da Fundação Cultural, tive oportunidade de colocar para o então secretário de Cultura o exemplo do Rio Grande do Sul. Disse que devia se criar no DF um instituto. Sou totalmente favorável à criação desse instituto. Eu acho que um alerta deve ser feito. O instituto deve ter uma comissão independentemente de ser do governo ou não. Para que es-

te instituto dê certo ele tem que ter uma comissão de julgamento dos trabalhos isenta e da maior qualidade. Qual é o risco que corre? O risco é se criar uma comissão politiquêira ou de pessoas que não entendam de literatura e que irão editar livros ruins, depondo contra a imagem do próprio instituto. Se essa comissão não for extremamente rigorosa o instituto fracassa, seja ele oficial e com o apoio da iniciativa privada. Fora esse alerta, eu considero a criação desse instituto mais que necessária.

“Hoje em dia a crítica nos jornais é feita por pessoas que não têm ainda uma formação”.

**DF-Letras — O governo do Rio Grande do Sul edita um Suplemento Cultural chamado O Continente e que é de ótima qualidade. A**



“ *A estabilidade econômica abriu novas portas para os autores jovens* ”

**Câmara Legislativa do DF quer trilhar esse mesmo caminho, tornando o Suplemento Cultural DF-Letras um ponto de referência no meio literário local e nacional. Como você vê essa iniciativa?**

**LC —** Há uma grande discussão teórica sobre a questão do Estado ou dos organismos estatais ajudarem a literatura. Eu acho que mesmo que seja através da criação de um instituto para co-editar os livros de autores locais ou excelentes iniciativas tais como **O Continente**, no Rio Grande do Sul, ou **O Nicolau**, no Paraná, a ajuda é muito importante, até porque os grandes jornais estão reduzindo os espaços destinados à literatura. E o modelo de **O Continente** é de alta qualidade.

As pessoas que trabalham com arte e cultura nos estados precisam ter um veículo que divulgue. Se você conversar com os escritores de Brasília eles vão dizer que há um bloqueio enorme aos nossos trabalhos no eixo Rio-São Paulo. Eles imaginam que Brasília é somente política e economia. O que sair de matérias sobre esses assuntos os jornais publicam. Mas matéria de cultura é muito difícil sair com algum autor daqui, furar esse bloqueio é quase impossível. Então, eu acho que um veículo que circule

na cidade e que divulgue os autores locais é uma iniciativa muito boa. A Câmara Legislativa tem condições de montar uma equipe muito boa, de alto nível e que justifique a sua existência.

**DF-Letras — De um modo geral como está a literatura nacional hoje? Quais são os caminhos e tendências?**

**LC —** Nós estamos vivendo um momento importante que de um determinado tempo para cá de uns dois ou três anos surgiram muitas editoras novas e elas estão apostando muito nos novos autores brasileiros, o que não ocorria desde a década de 70. Estavam só apostando no certo, no **best-seller**.

Em parte em função da crise econômica. O editor não podia perder dinheiro

Agora, o País vive momentos de estabilidade, eu tenho percebido que as editoras estão lançando mais autores jovens, mais novelas e livros de contos. Acho que me parece a própria estabilidade está fazendo esse ressurgimento. Apesar de ser ainda cedo para a gente saber ao certo o que está acontecendo, parece que está surgindo uma nova geração de autores na faixa dos 30 anos. Isso é positivo. Não dá para medir ainda os efeitos porque em literatura isso leva 10 ou 15 anos. Mas o momento é sem dúvida positivo.

## Espaço é de convivência democrática

É inegável que, ao começar a circular, o suplemento cultural DF-Letras prestou um enorme serviço a todos aqueles interessados no sadio expediente do debate e exposição de idéias. Na verdade, o Parlamento é exatamente isso: uma casa onde circulam idéias, propostas, argumentos, divergências, convergências

e conclusões. O sisudo, porém indispensável, Diário Oficial naturalmente não consegue açambarcar tal perfil de uma Casa Legislativa. Daí, a importância do suplemento DF-Letras. Os espaços nele contidos para o debate são excepcionais no sentido de refletir a convivência democrática que deve nortear o parlamento e

seus integrantes. Aliás, a importância do DF-Letras foi reconhecida fora dos limites geográficos da Câmara Legislativa do DF. A publicação chegou a alcançar vôo próprio e passou a ser comentada em diferentes lugares e situações. Outro dia mesmo, ouvi alguém da Secretaria de Cultura comentar a

necessidade da volta do suplemento, inclusive colocando o órgão à disposição para que a publicação mantenha intercâmbio de idéias com outras cidades e estados. O período em que o DF-Letras deixou de circular foi uma perda. Sua volta merece aplausos.



**Manoel de Andrade**

PP